

REPRESENTAÇÕES DE MULHERES DE UMA COMUNIDADE RURAL ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Hérgiton Teodomiro Linhares Maia;

Associação Brasileira de Estudos Psicanalíticos, hergitonm@yahoo.com.br

Resumo do artigo: É bastante peculiar a noção de mundo de uma mulher que retorna aos estudos depois de adulta após anos afastada do espaço escolar, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida. A educação provoca nos educandos a ressignificação dos saberes da idade adulta. Objetivou-se com este artigo compreender a importância da educação como ferramenta de inclusão para as mulheres da comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira e das multiplicidades das representações sociais como ação transformadora e reparadora na vida das mulheres desta comunidade rural, demonstrados nos relatos escritos. Este trabalho foi realizado com treze mulheres oriundas da comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira na cidade de Campina Grande na Paraíba. Foi solicitado destas que elaborassem um memorial, no qual deveriam escrever suas histórias, desde as primeiras lembranças, suas alegrias, dificuldades, frustrações, tudo que remetesse ao mundo pessoal, social, geográfico e escolar percorrido na infância, juventude até a fase adulta. Os resultados obtidos pontuaram os fatores para uma aluna abandonar os estudos em seu ciclo: mudanças na área escolar, envelhecimento da população, mudanças nas estruturas familiares, deslocamento dentro de uma comunidade rural, aumento da pobreza, sexo, gravidez, entre outros, evidenciaram a necessidade de recuperar a autoestima dessas senhoras, emancipá-las educacionalmente e principalmente a constatação da importância da educação como ferramenta de inclusão nos seus mais variados espaços, sejam eles familiares, sociais, geográficos e pessoais.

Palavras-chave: Mulher, inclusão, educação, representação, comunidade rural.

INTRODUÇÃO

Ao observar a história sobre a mulher e como suas representações sociais foram formadas, percebe-se que estas foram negligenciadas e excluídas durante o processo histórico da humanidade. Variadas e diversificadas concepções foram construídas em decorrência de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e o seu universo social, sejam eles urbanos ou rurais. As palavras expressam as dialéticas experienciadas de mulheres, onde suas realidades forjam uma linguagem do não dito, do silenciado, mas vivido.

Ao descobrir a história do silenciado, nas entrelinhas dos escritos destas mulheres, encontram-se nos labirintos de palavras centelhas de verdades. Trabalhar com escritos e oralidade do universo das mulheres pertencentes às comunidades rurais leva, necessariamente, a tecer



considerações acerca das representações sociais, da importância da educação formativa e suas ações inclusivas e as relações de gênero.

Nessa perspectiva, objetivou-se com este artigo realizar um estudo investigatório da trajetória educacional e de vida das mulheres, entre 30 e 45 anos endêmicas da comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira no município de Campina Grande – PB, para entender como essas se representam socialmente através de escritos e relatos de memórias, compreendendo a importância das representações sociais e da educação escolar e sua ação transformadora e reparadora na vida das mulheres como forma de inclusão social demonstrados nos relatos escritos. Dessa forma, buscou-se norteio para explanar os caminhos deste artigo com abordagem qualitativa, baseando-se em escritos e relatos de memória das referidas educandas.

A EDUCAÇÃO ESCOLAR E SUAS MULTIPLICIDADES

A educação como conhecimento é o grande capital da humanidade. Ela é básica para a sobrevivência de todos. Por isso a educação escolar não deve ser vendida ou comprada, mas disponibilizada a todos (GADOTTI, 2003). Para Vygotsky (2010), o conhecimento é tudo o que o ser humano faz individualmente ou internaliza e sofre a influência de uma série de fatores externos, incluindo interações interpessoais e grupais.

De acordo com Maia (2006), a educação é um processo intrínseco da humanidade, uma extensão de sua condição de ser psicossocial, empreendedor de sonhos, transformador de sua realidade. Cognominar educação para adultos oriundos de comunidades rurais, sejam elas, comunidades quilombolas, comunidades de pequenos produtores rurais, comunidades de artesãos entre outros, antes de tudo, é determinar o que seria esse princípio educativo e a quem abrange. A educação para adultos é um sistema de ensino utilizado na rede pública brasileira para o enquadramento destes sujeitos excluídos ao nivelamento rasteiro proposto pelo Ministério da Educação. Tem o propósito de desenvolver o ensino Fundamental e Médio para aqueles que não estão mais em idade escolar (ARAÚJO, 2011).

Oliveira (2001) explicita adultos em fase escolar como um grupo homogêneo de pessoas provenientes de áreas empobrecidas, filhos de trabalhadores não qualificados, com baixo nível de instrução escolar. A proposta da educação inclusiva é, antes de tudo, o espaço escolar dos excluídos de algum outro âmbito educacional (ARAÚJO, 2011). De acordo com Lima (2010), o ensino para adultos provenientes de comunidades, sejam eles urbanos ou rurais busca promover a inclusão





educacional e social de uma demanda de sujeitos que não conseguiram concluir os estudos em tempo normal.

Segundo Souza (2000), a educação inclusiva de adultos tem três funções primordiais: reparadora, equalizadora e permanente. A função reparadora tem como alvo, aqueles adultos que não tiveram na idade adequada oportunidade de frequentar uma sala de aula, ou abandonaram-na em seu itinerário educacional, deixando assim uma grande lacuna na vida dessas pessoas ordinárias que não tiveram igualdade de oportunidade perante a lei.

A função equalizadora visa a entrada de todos aqueles excluídos no sistema educacional, que de alguma forma ficaram de fora desse sistema, procurando uma nova oportunidade como forma de garantir uma redistribuição desses alunos. E a função permanente, ou qualificadora, como também é chamada, busca propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Esta função é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a igualdade, a diversidade e a solidariedade. Esta também objetiva uma educação significativa para estes sujeitos que, em razão da escolaridade interrompida e ou defasagem cronológica em relação aos estudos, não conseguem entrar no mercado de trabalho (LIMA, 2010).

Esse modelo educacional para inclusão de adultos pertencentes às castas sociais mais desmerecidas e, sobretudo, esquecidas pela sociedade promove o preceito de justiça, e é uma causa nobre de educação merecedora de maior reconhecimento, pois acolhe pessoas que retornam à vida escolar depois de transcorridos vários obstáculos (ARAÚJO, 2011).

Nessa ideologia, é fundamental para as alunas deste segmento educacional sentirem-se bem ao regresso escolar. Devendo estas encontrarem um ambiente acolhedor, respeitoso e familiar, remetendo à segurança e estimulando a criatividade, bem como, favorecendo a permanência destas senhoras nesse ambiente escolar, absorvendo esse recinto de múltiplos aprendizados como algo familiar e acolhedor, remetendo a um espaço de continuidade de seu ciclo transitório do cotidiano, e assim transformando tudo que remete ao universo escolar em algo potencializador de inclusão e suas várias formas de representações sociais como: aluna, mulher, mãe e tantos outros sinônimos.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER

A concepção do termo “*representação social*” refere-se a uma imitação mental. É através do ato de representar que somos capazes de evocar uma pessoa, uma ideia, um objeto ou uma situação na sua ausência. O termo *representação* tem vários significados por tratar-se de uma palavra de





origem latina, oriunda do vocábulo “representare”, significando tornar presente ou apresentar de novo.

O conceito de representação foi desenvolvido por Serge Moscovici, um psicanalista que legitimou a Teoria da Representação Social em meados da década de 1960. As representações sociais são indispensáveis nas relações sociais integrantes de um processo de interação social, permitindo aos membros de um grupo comunicar-se e compreender-se. Moscovici (2003) identificou dois processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo através do qual as representações complexas e abstratas tornam-se simples e concretas, e a ancoragem corresponde a um modo de encontrar um lugar para encaixar o não familiar, o incomum, o diferente, o fora do contexto e lhe atribuir um sentido.

Segundo Moscovici (2003), entre várias funções das representações sociais, destacam-se quatro: função de saber, onde as representações sociais oferecem uma explicação e um sentido à realidade; a função de orientação, servindo como guia dos comportamentos; a função identitária, permitindo ao indivíduo construir uma identidade social, posicionando-se em relação aos outros grupos sociais, ou seja, as representações sociais permitem distinguir o grupo que as origina dos outros grupos; já a função de justificação permite aos indivíduos explicarem e justificarem as suas opiniões e os seus comportamentos.

Relatos de memória como representatividade: *mulheres que escrevem sobre si*

A pessoa que escreve movimenta-se cognitivamente, refletindo seu percurso no ato da escrita, seja ela em qualquer esfera: formal, não formal e informal. De acordo com Thompson (1998), utilizar os relatos como fonte de pesquisa é lançar a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação, traz a história para dentro da comunidade. Além disso, os relatos de memória extraem a história de dentro da própria comunidade.

Ao partir dessa perspectiva há uma necessidade de valorar os escritos de mulheres que versam sobre seu cotidiano. Estas são usuárias das palavras para denunciar agressões, injustiças, desrespeitos, usando a escrita como tratamento para libertar-se dos males provocados pelos traumas sofridos durante toda sua caminhada.

O falar sobre si é, para as mulheres, o espaço de fortalecimento da identidade de construir uma história pessoal, estabelecendo laços de amizade, inclusive com outras mulheres que se identificam com a sua história de vida, práticas pouco estimuladas pela cultura machista,



presente nas diversas instituições nas quais a mulher encontra-se inserida. Para as mulheres, escrever é apropriar-se da arte para oferecer visibilidade à sua própria história e, com isso, também, ter a possibilidade de fazer migrar fatos escondidos no privado para o mundo público.

Parece natural pensar na escrita sobre a vida particular como uma atividade feminina, pois ainda hoje continuam tantas vezes encarceradas em espaços particulares. Talvez, sejam as mulheres oprimidas que mais escrevem esse tipo de texto, desde os primeiros bilhetes, passando pelos diários na adolescência, cadernos onde confidenciaram a elas mesmas os primeiros segredos, as incompreensões sobre a vida, os desejos afetivos, as incertezas que a vida e a sociedade incumbiram-se de sessar. Os escritos narrados por mulheres, cujas vozes, apesar de silenciadas por várias décadas, hoje se fazem ouvir. Esses escritos propõem levantar e trazer à discussão o que dizem sobre a condição da mulher, mulheres que escrevem sobre si. As memórias legitimam gestos, afetos, expressões cotidianas de como elas enxergam a si e aos outros.

Preceitos de inclusão e representações sociais das mulheres da comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira

A pesquisa foi fundamentada em uma análise qualitativa, explicitada numa estratégia de investigação social e comportamental das referidas mulheres-alunas oriundas da comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira, em Campina Grande – PB. O procedimento deste trabalho foi dividido em algumas etapas. Iniciando-se com a escolha das mulheres pesquisadas por faixa etária. Treze mulheres adequaram-se às exigências estabelecidas como: idade, residir na comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira, estar matriculada na escola da comunidade, entender e concordar com as condições de exposição que a pesquisa poderia causar. Depois foi proposto a essas mulheres que elaborassem um memorial, onde deveriam narrar suas histórias, desde as primeiras lembranças, suas alegrias, dificuldades, frustrações, tudo que remetesse ao mundo pessoal, social, geográfico e escolar percorrido na infância, juventude até a fase adulta.

Dos memoriais escritos pelas alunas pesquisadas, foram dados pseudônimos a partir de nomes bíblicos de mulheres como: *Sara, Rute, Miriam, Ester, Rebeca, Betânia, Eva, Isabel, Marta, Madalena, Ana, Salomé e Dalila*, para resguardar a privacidade e intimidade destas, prezando pela ética e a confiabilidade da pesquisa. E para finalizar, foram examinados e analisados os escritos dos memoriais com base em estudiosos e especialistas da área de Educação, Inclusão e Representação





Social. Os escritos dos memoriais foram transcritos de forma fiel e idêntica aos relatos das referidas educandas, sem modificar sua forma ortográfica e gramatical, mantendo sua total originalidade, pureza e imparcialidade em seu processo de sentimentalidade, libertação e inclusão como forma de representação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Essas mulheres oriundas de um seio familiar extremamente carente, de histórias diferentes com realidades comuns como a lida na roça, unidas por um mesmo ideal: regressar ao universo do conhecimento; mesmo passando por inúmeras dificuldades, muitas exercem o papel de mãe, de pai, de amiga, de chefe de família, tendo de encarar uma árdua jornada de trabalho e ainda enfrentar uma maratona de conhecimento na escola, e por muitas vezes driblando o cansaço e a vergonha de estudar depois de tanto tempo.

O que será vivenciado nestes escritos sobre essas mulheres corresponderá a muitas falas silenciadas durante o transcorrer de suas vidas. Revelando uma visão íntima da história destas, dentro de suas vivências no campo. Este artigo revela nas citações a experiência de vida escrita e narrada por mulheres que falam e escrevem sobre elas mesmas, são vozes caladas, abafadas e silenciadas por muito tempo, encontrando-se nesses escritos o poder da libertação e do fim da opressão sofrida pelas mulheres rurais. Mas, afinal, quem são essas mulheres moradoras de comunidades rurais? Essa pertinente pergunta é respondida por elas mesmas em seus escritos nos memoriais:

A história citada faz parte da vida de uma mãe, e mulher chamada XXXX, que tem por objetivo concluir algumas, que não puderam, que no seu passado, infância e adolescência lhe faltou conquistar, hoje anseia estes sonhos. (sic) (DALILA).

Minha história começa assim eu nunca tive uma infância feliz quando eu estava com 2 anos meu pai foi embora e deixou minha mãe e as minhas duas irmãs. (sic) (MARTA).

Nasci no roçado e pensei que iria morrer no roçado trabalhano pros outros, meu pai dizia que estudo era pros filhos do patrão e que pobre só trabalhava. (sic) (ESTER).

O não compreender o que realmente é, indica uma não aceitação do que se representa e/ou como está sendo representada pelos outros. Conforme Abric (1998), o ato de representar vai determinar seus comportamentos e suas práticas. O fundamental no êxito da influência social é o estilo de comportamento adotado pelo agente ou aquele que busca liderar (MOSCOVICI, 2003). Os



comportamentos dessas mulheres oriundas de comunidades rurais em suas interações sociais oferecem informações sobre as intenções e disposições psicológicas de quem age.

Nesse sentido, o comportamento destas constitui, dentre outras funções, uma forma de organização de conteúdos latentes, na qual a atitude pode ser pensada como uma disposição interna, mais ou menos, favorável e estável, organizadora e atualizadora da realidade psicológica em relação a um determinado objeto social, ao qual elas representam, nesse caso, sua comunidade rural. Quando indagadas sobre suas origens, elas descreveram que, em sua maioria, os pais eram analfabetos oriundos de uma condição socioeconômica precária, como relatam:

Meu pai era analfabeto nunca aprendeu a ler e escrever, minha mãe estudou até a 2ª série. (sic) (ESTER).

Eu tive uma infância muito sofrida, porque eu nasci de pais separados, minha mãe é muda e surda e meu pai só queria saber de encher, a cara de cachaça... (sic) (SALOMÉ).

Primeiro minha vida nunca foi fácil, pois desde de criança que eu trabalho, porque tinha agudar meus pais... (sic) (REBECA).

Este resultado está de acordo com o trabalho de Dotti (1992), onde é citado que de cada cem crianças que ingressam na 1ª série, doze chegam à 8ª série. Acentuando-se nas ditas camadas populares onde estão inseridas as comunidades rurais, aproximadamente 80% das crianças reprovadas são delas provenientes, evidenciando não o fracasso de uma população em geral, mas de uma população específica.

Elencando a formação familiar dessas alunas-mulheres, encontram-se famílias numerosas em condições de extrema pobreza, sobrevivendo no limiar da fome. Sua renda familiar é oriunda de trabalhos informais, na maioria das vezes necessita da colaboração de toda família, incluindo as crianças, na lida dos roçados e plantações. Impossibilitando o acesso à escola para não comprometer a renda.

Sara escreve sobre esse contexto: “Sou a penúltima de onze irmãos, éramos muito pobres, quando fui a escola já tinha oito anos... (sic)”. Ester completa: “Éramos em 8 irmãos todos analfabetos passamos muita fome [...]. “Em busca de dinheiro meu pai fazia bicos em outros roçados, e eu como seu braço direito o acompanhava... (sic)”. Quando se refere ao motivo pelo qual essas meninas-mulheres enveredaram por outros caminhos e tiveram que interromper sua caminhada educacional, são citados inúmeros fatores, dos mais prováveis aos mais injustos, como as condições econômico-sociais enfrentadas pela família, mudança de local de moradia, gravidez,





casamento, trabalho, dificuldades de acompanhar a rotina de estudos imposta pela escola, dentre outros.

Para a representação social esse fator é explicitado por Moscovici (2003) como uma função justificadora das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos. Esses fatores estão ligados paradoxalmente à realidade dessas mulheres, cada uma com seu dilema particular, que, quando exposto transforma-se em mais um dado estatístico, deixando de ser uma mulher e se tornando um ponto de um valor percentual.

Fica evidente a força da representação do sexo frágil vestidos por estas, em contrapartida à força no princípio da resiliência gerada por estas senhoras em seus discursos, deixando subentendido que aquele momento educacional tinha ficado em segundo plano. Mais uma vez a função justificadora citada por Moscovici (2003) é evidenciada nos relatos de Miriam e Betânia. Elas distorcem os acontecimentos, justificando a ausência ao espaço escolar, como consequência de uma gravidez inesperada, mas também pelo ideal de libertação dos espaços familiares restritivos. Questionadas sobre o período no qual estiveram longe da escola, as alunas expressaram seus históricos:

Fui cuidar de casa e de filhos... trabalhei muitos anos na roça sem ter condições de voltar a estudar... (sic) (BETÂNIA).

Comecei a trabalhar como babá com 13 anos... eu ficava com inveja quando as meninas da minha idade passava para ir a escola e eu lá tomando conta dos filhos dos patões. (sic) (RUTE).

Me angustiava era ver as crianças indo para a escola enquanto eu trabalhava, minha escola era a vida meu lápis uma enxada, meu caderno o chão do roçado...(sic) (ESTER).

A multiplicidade na função justificadora é evidenciada nos relatos dessas mulheres que deixaram o sistema educacional porque precisaram ajudar os pais, os maridos nas atividades econômicas, algumas assumiram o papel de chefes de família, outras por falta de orientação e cuidados que acabaram gerando uma gravidez indesejada. Elevando a importância de estarem estudando, depois de tanto tempo e tantos obstáculos, essas mulheres guerreiras descreveram:

Hoje eu aconselho as outras pessoas a estudar e não desistir apesar das dificuldades (sic) (REBECA).

Eu sou uma vitoriosa uma guerreira com muita força de vontade e garra de estudar. (sic) (RUTE).





*Hoje eu posso sonhar, só quem estuda pode sonhar e sonhar com o melhor. (sic)
(MADALENA).*

Nas narrativas sobre o retorno à sala de aula, é explicitado que não estão estudando somente para obter um certificado, o ambiente educacional estimulou mudanças psicossociais. Essas mulheres resgataram sua confiança, seu orgulho próprio, desenvolveram seu processo de criticidade e autonomia, estão trilhando seu próprio caminho na construção do conhecimento não só educacional, mas o conhecimento de si mesma.

Segundo Abric (1998), as representações sociais não são simples reflexos da realidade, são organizações de significados funcionando como um sistema de interpretação da realidade regente das relações dos indivíduos com o seu meio físico e social. De acordo com Freire (2006), mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper. Essas mulheres demonstram um interesse em ter uma identidade profissional, algo que as norteie e possa proporcionar e oportunizar uma melhoria em seu mundo social, geográfico e familiar, capaz de prover melhorias para a comunidade rural representada.

Vou fazer um curso profissionalizante. Tenho um sonho de fazer auxiliar de enfermagem, pois gosto muito de ajudar as pessoas. (sic) (SARA).

Já vejo meu sonho presti a se realizar [...] sonho poder fazer uma faculdade, afinal também mereço. (sic) (DALILA).

Pretendo fazer o curso de serviço social e vou fazê-lo... (sic) (MIRIAM).

Vou montar um comercio aqui no sítio para que eu possa trabalhar para mim mesma, sou uma doceira de mão cheia e depois que eu fui pra escola...comecei a pegar encomenda e não paro mais...(sic) (ESTER).

As falas dessas mulheres guerreiras transcendem a multiplicidades de seus sonhos sob forma material, evidenciam a importância da educação escolar em suas vidas como instrumento de inclusão. Eles tornam-se possíveis e através destes mesmos sonhos revigoram suas esperanças em um futuro melhor. Seus sentimentos, seus desejos, são consequências de uma luta diária para serem reconhecidas como elas realmente são, e não pelo o que a sociedade impõe. Que seus escritos sirvam de exemplos para tantas outras mulheres camponesas ainda vivendo à sombra do silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa foi possível realizar análises e reflexões sobre a importância da educação como ferramenta de inclusão para as mulheres da comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira. E das multiplicidades das representações sociais como ação transformadora e reparadora na vida destas mulheres frequentadoras da educação escolar, como forma de suprir as possíveis lacunas decorrentes de vários fatores sociais. Os resultados obtidos, identificando motivos distintos que levaram as mulheres desta comunidade rural a desistirem de estudar, dentre os quais foram elencados: desagregação familiar, casamento, maternidade prematura, mudança de domicílio, obrigatoriedade de ajudar na renda familiar, dentre outros.

Ao observar com minúcia os escritos dessas mulheres sobre o que desenvolveram durante o período em que estiveram fora da escola, ficaram representadas nas entrelinhas, inúmeras tentativas de retorno ao meio educativo, interligadas com as dificuldades entrementes do dia a dia dessas alunas, mas, muitas delas escolheram fazer essa fissão para suprir as necessidades daquela época, daquele momento que estavam vivendo, e algumas sentem orgulho por terem se afastado do espaço escolar para poder ajudar a sua família, pois de alguma forma contribuíram para a melhoria de vida de seus parentes, mesmo que se sacrificando.

Ficou evidenciado um aumento na autoestima dessas mulheres, após o retorno à instituição de ensino, decorrente de um resgate social promovido pela educação escolar como dialética de inclusão, justificando a importância do desenvolvimento intelectual e psicossocial dessas mulheres. Esse resgate através da inclusão que a educação propõe é muito mais que o simples fato de estarem estudando novamente, e sim, por atingirem inúmeros fatores multissociais, como: melhoria na qualificação profissional, o aumento elevado do número de pessoas em seu grupo de convívio social, a simbiose de conhecimentos entre seu espaço social e a escola, o orgulho por fazer parte de uma comunidade rural e poder contribuir de alguma forma para seu desenvolvimento geopolítico.

O retorno a essa dialética educacional e suas multiplicidades de inclusão resgataram todos esses sentimentos de alegria e satisfação, exterminando os medos e a vergonha por não terem um grau de instrução construído dentro de um tempo formal. Além disso, a transformação que a aprendizagem educacional vinculada com o conhecimento do cotidiano de cada uma dessas mulheres camponesas e suas perspectivas de modernidade dentro do espaço rural conseguiu atingir, torna-se mais evidente. Estas se representam no simples fato de voltarem a estudar, despertando o hábito de sonhar, descobrindo que nunca é tarde para recomeçar.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia – GO: AB, 1998.

ARAÚJO, Cleberon Vieira de. **Educação de Jovens e Adultos e a problemática da evasão escolar**. VI Seminário Nacional de Educação e Movimentos Sociais – Centro de Educação/PPGE/UFPB, 2011.

DOTTI, C. **Fracasso escolar e as classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **A escola cidadã**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Elza Maria Ribeiro de. **Concepção dos professores no processo de ensino e aprendizagem**. Campina Grande – P B, 2010.

MAIA, H. T. L. **Química na concepção dos alunos do Ensino Fundamental das escolas públicas do município de Queimadas – PB**. 2006. Monografia (Licenciatura em Química) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** - São Paulo: Moderna, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**, 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOUZA, João Francisco de. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo**. Recife: UFPE – CE NUPEP –PE, 2000.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.